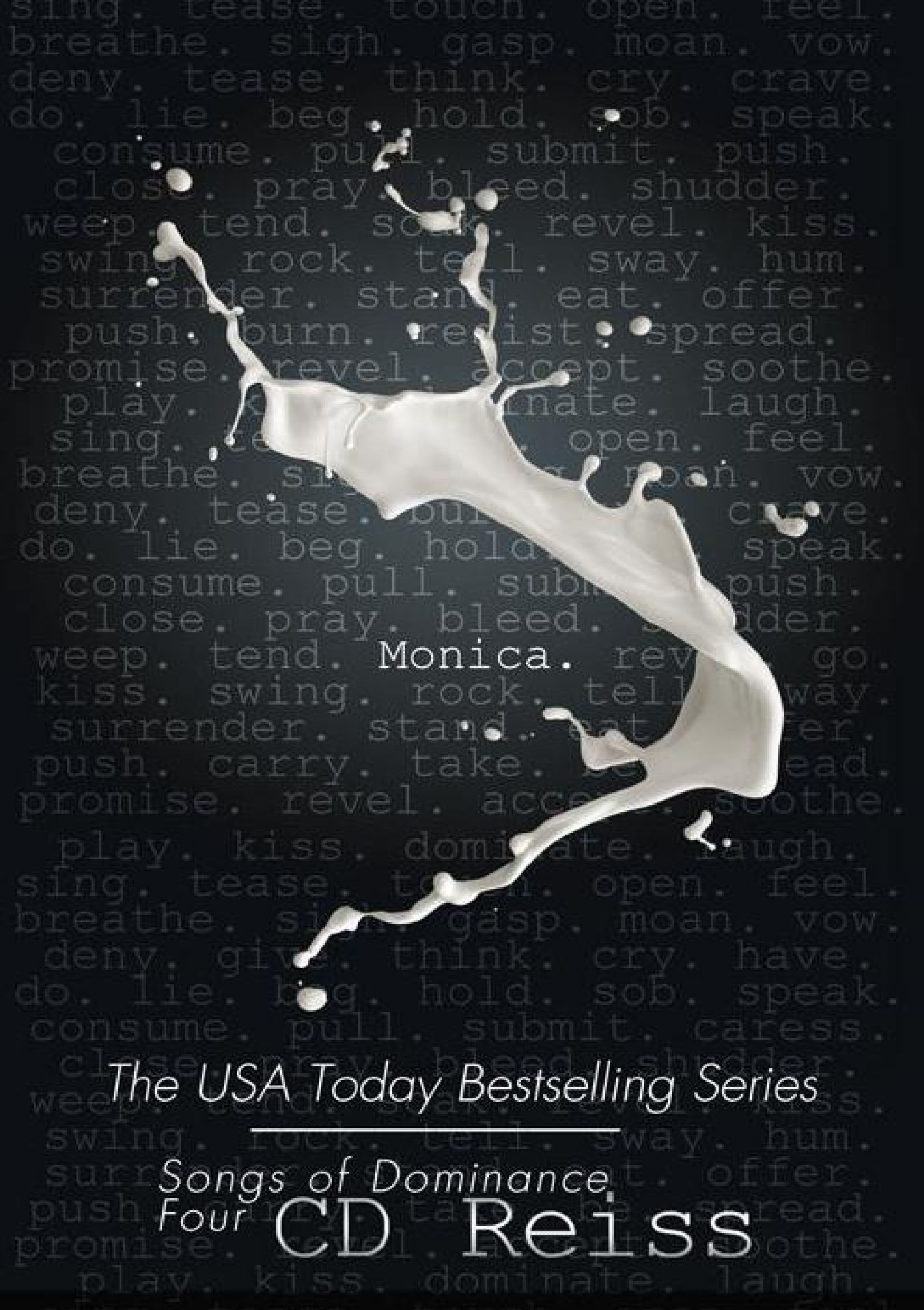




The USA Today Bestselling Series

Songs of Dominance

Four

CD Reiss

Monica

Songs of Submission #7.5

Songs of dominance #4

C.D. Reiss

Sinopse:

Eu senti falta de duas coisas.

Senti falta da liberdade, e senti falta da escravidão.

Tinha conseguido pegar uma região inferior onde não poderia ir e vir como quisesse, e não me sentia protegida.

Estava sendo injusta e sabia disso. Como esperar que o homem pudesse manter a intensidade do Jonathan de antes, por qualquer período de tempo? Nenhum ser humano poderia continuar a ser um leão furioso depois de ter seu coração arrancado.

Assim, embora sobrecarregados uns aos outros com muitas coisas, nunca o sobrecarreguei com meu desejo pelo meu Jonathan dominante. Aquele homem tinha ido embora. Eu amava o homem que o substituiu. Ele era tudo o que quase perdi nessa porra de pesadelo de um hospital. Ele era engraçado e atencioso. Gracioso e sábio. Ele ainda era o melhor amante que já tinha sido colocado em minhas mãos.

A tradução em tela foi efetivada pelo grupo de forma a propiciar ao leitor acesso parcial à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização parcial apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso prévio e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem em qualquer rede social (Orkut, Facebook, grupos), blogs ou qualquer outro site de domínio público, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao disponibilizar a obra, também responderá pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria, ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal Brasileiro e Lei n° 9610/1998.

Dezembro/2013

Proibido todo e qualquer uso
comercial

Se você pagou por esta obra,

VOCÊ FOI ROUBADO.

Jonathan

Escovei meu polegar contra seu mamilo, beliscando-o, então me inclinei para sugá-lo. Ela teceu seus dedos no meu cabelo. Provei a água do chuveiro nela, o sabor de sabão na minha língua. Vapor ainda enevoando o local.

— Jonathan. — ela sussurrou. — Eu vou perder o avião.

— Não, você não vai.

Desenhei minha língua na sua barriga, plana e firme, parando no piercing do umbigo que ela ainda usava para mim, depois para baixo entre as pernas. Inclinei um de seus joelhos e coloquei-o sobre o meu ombro, dando acesso a minha boca.

— Eu ainda não estou pronta. — disse ela, mas eu conhecia tudo sobre ela. Abri os lábios com meus dedos e lambi seu clitóris lentamente, indo e voltando novamente, saboreando a pele fresca, limpa e clara, correndo fluidos.

— Goze rápido. — eu disse. Ela estaria fora por uma semana. Eu a queria antes de sair.

— Eu tenho que arrumar o Theramin e isto, oh, Deus. — ela gemeu enquanto eu a chupava, pegando a outra perna por cima do meu ombro. — Devagar. Jesus, o que há com você ultimamente?

Levantei-me e limpei minha boca com a mão. Ela sentou liberando os braços abertos no banheiro, vaidosa, molhada e pronta. Ela era minha, e eu a amava.

— O que está acontecendo comigo ultimamente? — Estava na minha cueca, não me incomodando em mergulhar a mão e puxar meu pau para fora. — Talvez eu esteja entediado.

— Você pode trabalhar de novo.

— Eu poderia.

Eu deslizei nela, agradável e fácil.

Havia um sentimento, quando a peguei de que algo não estava certo. Algo estava faltando. Ela estava molhada. Eu estava duro. Os seios dela saltaram quando empurrei e havia nudez suficiente entre nós para obter o meu pau dentro dela.

Mas seus braços. Eu não sabia para onde estavam indo em seguida. Ela mudou-se de formas inesperadas. Coloquei meus braços ao redor dela, segurando-os juntos e me inclinei perto para beijá-la, arrastando minha barba no rosto e na parte sensível de seu pescoço. Ela sussurrou, *ai!*

Senti-me de repente poderoso. Tinha estado fodendo com ela durante meses com essa coisa impregnada no meu peito, mas quando ela disse *ai*, eu queria mais do que foder com ela. Eu queria despedaçá-la.

Eu perdi a noção com o pensamento de que, estava chegando a ela do jeito que tinha estado desde o hospital, sem controle ou intenção, apenas porque estava pronto.

Monica gozou um segundo depois que comecei, e nos agarramos um ao outro, tremendo. O vapor mal tinha apagado nos espelhos quando beijei seu ombro e percebi que tinha um problema nos meus braços.

Estiquei-me no sol com o peito para o céu e senti aquela coisa bater. O calor de julho me cozinhava, abafado e pegajoso, compartilhando suor com o tecido de um estranho, grato por estar vivo, mas em estado de perplexidade constante, pensando, como diabos fui puxado da morte para isso? Ponderei, muitas vezes, e por muito tempo.

— Oi — ela disse, dando um passo em minha luz solar. Usava um vestido azul pálido e pulseiras desalinhadas. — Estou indo.

Bati um lugar para ela se sentar ao meu lado.

— Eu não posso. — disse ela. — Lil está esperando.

Virei meus óculos de sol para que pudesse olhá-la nos olhos e com aquele olhar, que ela sabe que tinha direito a um minuto do seu tempo.

— Deusa.

— Eu te ligo quando pousar. — Ela se inclinou para me beijar, e quando seus lábios bateram nos meus segurei sua cabeça alguns segundos a mais. Ela sorriu e se afastou trotando.

Estava com um problema. Ela estava indo para Caracas, durante três dias para abrir dois shows com alguma banda de loucos, e não ia com ela por ordens do médico. Ainda não.

Meu lado impulsivo queria segui-la, e deixar a equipe de especialistas altamente remunerados beijar minha bunda, mas fiquei para trás. Não havia necessidade de pressa. Três dias a mais não mudaria nada.

Quando conheci Monica, sabia o que eu era. Quem eu era. Sabia o que estava feito e sabia como conseguir o que queria. Ainda estava apaixonado pela minha ex-esposa, mas a minha deusa tinha me curado disso.

Eu pensei que ser feliz era o que me faria exigir controle no quarto, mas estava errado, ou pelo menos apenas parcialmente correto. Tudo no mundo, a procura da alma, me levou a uma conclusão falsa.

Eu tinha sido dominante porque sabia, me conhecia, tinha confiança de amarrar, bater e machucar, porque sabia quando parar.

Chegamos em casa do hospital, Monica e eu, e, eventualmente, fizemos amor novamente. Ainda assim, não era eu mesmo. Era quase eu e, em parte, outra pessoa. Um pedaço de carne alienígena tinha sido colocado em mim. Não sabia o que ia fazer. Será que daria certo para mim, ou para a pessoa de quem era? Será que teria a visão de uma mulher estranha? Será que me pareceria um passado diferente ou um presente perdido? Ficava sonhando estar saltando para fora de mim como um sapo em uma frigideira, batendo no chão da cozinha com *um* indicador, batendo nas telhas, esguichando plasma amarelo. Uma vez, sonhei que saltei para fora de mim e cai na piscina, nadei com Sheila em uma trilha de sangue. E ri, no meu sonho, mas quando acordei, corri para o espelho do banheiro para me certificar de que tinha uma cicatriz em vez de um buraco.

Eu me senti como um estrangeiro em minha própria pele, arrastando um saco de músculos e ossos postos em conjunto com a medicina. Mesmo depois que as consultas médicas diminuíram e a vida voltou a algo que parecia normal, ainda não tinha me acostumado a ser duas pessoas em um só corpo, e minha esposa sabia disso. Ela foi se afastando como uma garrafa balançando no surf, maré em maré. Ela não era Jessica. Ela nunca me deixaria, pelo menos não por alguém. Mas ela iria embora com a distração e indiferença. E pensamento na intimidade perdida, senti uma lâmina fria de raiva tão espessa que não tinha espaço para uma reação ou uma emoção. Minha cabeça estava clara. A raiva tinha empurrado para fora toda a desordem. Ela era minha e podia perdê-la, mas ela era minha.

Três dias.

Monica

Eu senti falta de duas coisas.

Senti falta da liberdade, e senti falta da escravidão.

Tinha conseguido pegar uma região inferior onde não poderia ir e vir como quisesse, e não me sentia protegida.

Estava sendo injusta e sabia disso. Como esperar que o homem pudesse manter a intensidade do Jonathan de antes, por qualquer período de tempo? Nenhum ser humano poderia continuar a ser um leão furioso depois de ter seu coração arrancado.

Assim, embora sobrecarregados uns aos outros com muitas coisas, nunca o sobrecarreguei com meu desejo pelo meu Jonathan dominante. Aquele homem tinha ido embora. Eu amava o homem que o substituiu. Ele era tudo o que quase perdi nessa porra de pesadelo de um hospital. Ele era engraçado e atencioso. Gracioso e sábio. Ele ainda era o melhor amante que já tinha sido colocado em minhas mãos.

— Olá? — Sua voz estava rouca de sono. O sol estava nascendo sobre Caracas, manchando o céu marrom.

— Eu vou voltar mais cedo. — eu disse enquanto caminhava pela pista em direção ao Gulfstream. Jacques acenou. Seu copiloto de temperatura durante o dia levou minha mala de rodas e guardou-a por baixo.

— Sério? — Jonathan soou como se tivesse acordado com um litro de café. — Eu tenho algo para você.

— Mas tenho que ir direto para o estúdio. — eu disse. — Jerry quer que trabalhe na *Forever* para essa ideia que ele está querendo demonstrar...

— Desculpe-me?

— Vou entrar pela porta ao mesmo tempo, como se tivesse ficado aqui. Apenas queria que você soubesse o que estava fazendo com o seu avião.

— Bem, obrigado.

— Não fique com raiva.

— Deusa. — ele disse, e ouvi algo em sua voz que não ouvia há meio ano. Ele me parou nos degraus até a porta da fuselagem.

— Sim. — Estava chocada com o pequeno som da minha própria voz.

— Eu não dou a mínima para o avião.

— Vai ser rápido. Estarei em casa na hora do almoço.

— Envie-me uma mensagem de texto de onde você está indo ficar.

— Por quê?

— O quê?

Foda-se. Prometi a mim mesma que nunca esquecerei o que Jessica fez com ele, mas estava aqui, seriamente noiva dele e dando atitude sobre isso.

— É o mesmo estúdio de sempre. — eu disse, recuando quando bati o meu cinto de segurança.

Comi um almoço de frango empanado e uma salada de radicchio na sala de engenharia. Eu tiro a merda com Jerry e Deshawn. Nós conversamos sobre a promoção do sampler, ficando cerveja atirada em mim, em Caracas, como sinal de respeito, as baratas no hotel, a excelente comida. Meia hora depois, estávamos de volta ao trabalho. Executivos entravam e saíam para me ouvir. Eddie ainda mostrou-se por quinze minutos.

O telefone tinha sido virado para baixo no piano de cauda; o brilho dele me avisou quando o vidro se iluminou com uma chamada ou sms. Mas eu não iria olhar. Estava no meio de alguma coisa. Só quando tivesse acabado eu o verificaria.

- Eu quero ver você -

O sms havia chegado 10 minutos mais cedo, quando estava no meio da gravação *Forever*. Foi baseado em um poema que tinha escrito enquanto Jonathan estava no hospital, e estava com tanta raiva que me imaginei numa eterna, furiosa batalha com a morte.

Eu não podia pegar o sms. Nós estávamos tentando obter as duas últimas palavras direito. *Sempre foda*. Tinha que soar como uma poderosa maldição, mas ser confuso, e em chave, e grave e transcendente, tudo ao mesmo tempo. Meus pés

doeram e o padrão de caixa de ovos de espuma nas paredes parecia invertido, o meu cérebro e os meus olhos estavam tão exaustos.

Eu não poderia olhar um sms, mesmo do meu marido.

- Onde você está? -

Dez minutos mais tarde.

- Você deveria estar fora há duas horas -

Eu olhei através de seus sms. Jerry e a equipe embalaram os equipamentos. Eu ia ter que lidar com isso. Tinha a minha carreira. Jonathan sabia o que implicava. Ele não tinha o direito de me assediar enquanto estava gravando.

Respirei fundo e liguei para ele.

— Oi. — eu disse. O estacionamento atrás do estúdio cheirava suor e cigarros vencidos.

— Você está fora? — Perguntou Jonathan.

— Terminou agora.

— Eu tenho uma surpresa para você quando chegar em casa.

Casa. Uma casa nas colinas que já tinham muitas memórias dolorosas. Medicamentos. Quedas. Lutas. Ele tinha estado doente e chateado. Eu o amava. Nunca o deixaria. Mas, em alguns dias, senti como se estivéssemos chegando a romper pelas costuras.

— Os caras estão indo jantar. Eu estou com um pouco de fome.

Ele fez uma pausa. O silêncio parecia eterno, e embora o imaginei olhando para o espaço com o telefone no ouvido, quando ouvi uma porta de carro bater, sabia que ele não tinha estado inativo.

— Jonathan, é...

— Fique aí.

— Esta noite não, eu...

— Isso me parece que você está me dizendo que não. — A calma arrogante de domínio em sua voz era como um tapa na bunda, porque não a tinha ouvido em seis meses. — Por uma questão de clareza, deusa, quando se trata de mim, a palavra “não” está fora do seu vocabulário. Eu não ouvi isso.

Eu disse “*sim senhor*” com todo o sarcasmo de uma adolescente mimada, e imediatamente me arrependi. Felizmente, meu marido já tinha desligado o telefone.



Jonathan

Esta merda parou esta noite.

Estacionei na parte de trás e entrei no prédio. Havia um par de portas entreabertas, atrás da qual podia ouvir os risos e murmúrios dos homens. Ouvi-a três passos abaixo, sua voz sussurrante, cordas de piano ficando batidas, uma a uma, lentamente.

Escorreguei na sala do estúdio e olhei para ela através da janela.

Ela estava sentada em seu piano, rabiscando algo em um bloco, em seguida, considerando as palavras de novo, costas retas, pescoço tão longo e branco com um cisne, cabelo de ébano torcido no topo da sua cabeça. A deusa. Ela esperou. Não sei o que teria acontecido com a gente, se ela não tivesse esperado.

A sala de engenharia estava vazia e escura, e a vi como um filme. A vi morder uma unha. Fechei os olhos. Toque em um dedo, depois explodiu de repente com uma palavra em uma nota longa. Foi *você*. Ela bateu três teclas, em seguida, três diferentes, cantou a palavra mais uma vez, num registro diferente, e escreveu.

Era como se eu não tivesse visto o comprimento de seu pescoço em meses, nem a delicadeza de seus pulsos. Sabia de cada centímetro de sua pele, cada curva de seu corpo, mas, naquele dia, quando ela disse *não* pra mim, antecipei a perspectiva de mostrar-lhe por que não ia levar mais tempo com pouca alegria.

Voltei para o corredor, fechando a porta da sala do estúdio por trás de mim.

Monica

Seu cheiro pairou através do almíscar úmido do estúdio antes do som da porta se fechando chegasse aos meus ouvidos.

— Oi. — disse sem tirar os olhos das minhas anotações. — Podemos nos encontrar com esses caras? Jerry quer estabelecer um plano para quarta-feira.

Seus dedos roçaram a parte de trás do meu pescoço, e estremeci, fechando os olhos até a metade.

— Não. — ele sussurrou.

— Vou encontrá-lo em casa mais tarde, se você quiser.

— Levante-se.

Eu olhei para cima. Ele ficou em cima de mim, a mão na parte de trás do meu pescoço, o rosto abordando sem argumentos. Não sei o que a minha expressão disse, mas minha mente ficou totalmente escura por um segundo.

Estava de pé, pegando minha bolsa.

Ele gentilmente tirou de mim e colocou-a de volta para baixo. Comecei a objetar, mas não consegui passar da primeira sílaba antes de ter os dedos dele em meus lábios.

— Desabotoe sua blusa. — ele disse. Nos olhamos profundamente um para o outro mais que o normal, e sabia, mesmo antes de meus dedos tocarem minha blusa, que ele não estava interessado em um padrão doce, um encontro.

Ele roçou o polegar sobre meus lábios, em toda a minha mandíbula, e fixou-os sob meu queixo, forçando-me a olhar para as empoeiradas luzes fluorescentes.

Eu desfiz meus botões de uma forma eficiente, enquanto ele falava.

— Eu não disse isso em um longo tempo, então quero lembrá-la. Você é minha. A qualquer hora. Qualquer lugar. Sem perguntas. Você fica de joelhos

quando eu digo. Você afasta as pernas quando eu digo. Você abre sua boca e toma tudo o que eu colocar nela. Você entendeu?

Ele deve ter me sentido engolir contra a palma da sua mão. Ele estava de volta. Não sabia quando ou como, mas este Jonathan não estava doente ou chateado com um punhado de pílulas. Este não foi o cara que me deixou superá-lo, ou o homem que fez amor comigo com medo e com cuidado. Aquele homem era um bom marido. Foi difícil, porque ele sentiu como se o seu corpo não fosse dele, mas um bom companheiro de vida por qualquer padrão.

Por enquanto eu tinha estado casada, não me sentindo segura.

Até então, olhando para o teto, despreparada para ouvir a voz do meu rei novamente. Então, minhas entranhas vibravam como uma corda de piano e fechei os olhos com força contra as lágrimas.

— Sim, senhor. — eu disse.

— Puxe suas calças para baixo.

Eu me preocupava com a porta. Estava aberta? E a porta da sala do estudo. Qualquer um podia entrar.

Esta era uma simples questão de confiança, que tinha esquecido como fazer. *Confiar nele. Você está segura com ele.*

Abri minhas calças e a deixei cair. Usava rendas e liga, que sentia arranhando e desconfortável sob os jeans, mas usava isso porque prometi que o faria, mesmo que tivesse prometido a um homem diferente.

Ele deslizou seu dedo sob as tiras. Seu toque tinha sido elétrico, exatamente certo, como quando nos conhecemos. Eu o senti através de camadas de pele e músculo, direto para os meus ossos.

— Todo o caminho fora.

Saí da minha calça.

— Por que você está chorando, deusa?

— Eu não sei.

— O que é sua palavra segura?

Eu soltei uma gargalhada para o teto. — Foda-se. Esqueci-me.

— Você quer uma nova? — Ele deslizou seu dedo sob meu sutiã, empurrando-o para cima, liberando meus seios. Os mamilos eram balas, prontos para ele.

— Sim, senhor.

— Sua escolha.

— *Invictus*.

Ele beliscou um mamilo e puxou-o para o ponto de dor deliciosa. — Fora da noite que me cobre, preto como o poço de polo a polo, agradeço o que deuses podem ser, por minha alma inconquistável.

— Jonathan... — Seu nome era uma oração.

— Vire-se.

Enfrentei o piano, colocando-me de costas para ele. Ele deslizou sua mão sobre meu pescoço e em volta do colarinho da blusa, puxando-a para baixo dos braços, tirando suas mãos sobre a minha pele.

— Eu vou te perguntar uma coisa. — ele disse, puxando minhas mangas longas na metade para fora. Ele torceu as mangas em torno de meus braços, envolvendo-as ao redor e amarrando-os firmemente na altura dos cotovelos.

Sua pausa longa o suficiente para me dizer. — Senhor?

— Você está feliz? — Questionou. Eu ouvi o *clack* distinto de seu cinto.

Eu não respondi. Ele deslizou seu cinto para fora da calça com um *whoook*.

— Eu lhe fiz uma pergunta.

— Sim, senhor.

— É essa a resposta? — Ele agarrou a parte de trás do meu pescoço

— É a confirmação de que eu ouvi.

Com um empurrão afiado, ele prendeu meu rosto para o preto brilhante do piano.

— Você está feliz? — Repetiu ele.

— Você pode ser mais específico?

— Claro. — Com um golpe tão duro quanto foi inesperado, ele bateu na minha bunda com o cinto. Eu gritei.

— Muito duro?

— Não, senhor. — Foi. Uma queimadura feroz estaria aonde ele me bateu, e já queria mais. Queria que ele me dominasse completamente. No segundo, no sopro de tempo que levou para o meu corpo registrar a dor, eu rachei. Não quis ir jantar com Jerry e os caras e não queria ir para casa. Queria machucar e machucar profundamente, queria sentir dor, e segurança, e me entregar, para perder-me na minha própria vontade. Tinha esquecido o quanto precisava, mas como se fosse uma mulher acordando de um sono sem sonhos, a realidade de quem eu era voltou para mim. Jurei que não diria a minha palavra de segurança até que estivesse perto da morte.

— Comporte-se, então, antes que tenha que amordaçar você. — Ele me bateu de novo, e de novo. Eu grunhi, mas não gritei, mesmo quando ele atingiu a área sensível nas costas das minhas coxas.

— Agora. — a respiração raspava com esforço. — Diga-me, deusa, você está feliz? — Seu último golpe foi tão forte que senti como um maçarico na minha bunda. Ele pegou o cabelo na parte de trás da minha cabeça na mão e trouxe seu rosto perto do meu. — Para evitar mal-entendidos. Você está *feliz no casamento*?

Engoli em seco.

Ele colocou o cinto para baixo na frente do meu rosto e apertou minha bunda. A dor era esmagadora. Eu mal podia ver através dele, nem poderia formar palavras de tanta excitação jorrando entre as minhas pernas.

— Responda-me. — disse ele. — E a verdade. Você está feliz?

Ele era nebuloso através das minhas lágrimas, mas sua voz era clara o suficiente para se concentrar.

— Não. — eu disse. — Eu não estou.

Por mais que tenha quebrado em lágrimas e soluços engatando, ele pareceu não se incomodar com a notícia. Como se ele já tivesse conhecimento. E, como se ele não desse a mínima para a minha felicidade. Ele levou a mão sobre meu rosto em chamas, lançou um dedo até a minha abertura.

Estava encharcada. Gotejando. Esguichando prontidão para ele. Queria que ele me pedisse a verdade depois que ele me fodesse, pois como poderia agora? Digo-

lhe que estou miserável esperando um corpo rasgando, fodidamente apaixonada? Pensamento mágico e louco.

Ele deslizou um dedo dentro de mim. Eu o tinha fodido algumas centenas de vezes nos últimos seis meses, mas aquele dedo cruelmente tocando em mim, com a palma da mão contra a minha bunda escaldante, foi a melhor coisa que eu tive em meio ano.

— Obrigado por me dizer a verdade. — ele disse. — Mas você está molhada. E chorando.

— Sinto muito, senhor.

— Pobre Deusa. — Ele puxou seu dedo e colocou-o sobre o nódulo duro do meu clitóris. Meus olhos fechados. Minha boca se abriu. Minha boceta estava acordada com antecipação, enquanto ele continuava. — Mesmo no amor, você precisa de dor.

— Eu te amo. — sussurrei.

Ele retirou a mão e bateu na minha bunda com força total. Segurei um grito. — Não fale. — ele rosnou. — Tem havido muita conversa entre nós.

Eu balancei a cabeça.

Ele dobrou o cinto em dois e disse. — Abra a boca. — Quando eu fiz, ele colocou o cinto nela. — Morde.

Mordi o couro. Ainda estava quente das batidas. E se ele nunca tivesse sido tão cruel e duro? Se ele nunca tinha sido tão *dominante*? Não conseguia lembrar. Não conseguia pensar.

Em seguida, Jonathan colocou as mãos em meus quadris, e deixou o toque do seu pau onde estava molhada. Mordi o cinto como se quisesse engolir. Ele não pediu permissão para introduzir seu pau em mim de uma só vez, me fazendo grunhir na pele bronzeada. Ele não perguntou se a minha felicidade era necessária. Ele só me fodeu. Ele me fodeu como se eu nem estivesse lá, batendo forte contra as minhas ardentes nádegas, um quadro de dor para o prazer entre as minhas pernas. Puxou meu rosto distante, esticando-o, dor em todos os lugares, e levou para dentro de mim com tudo o que tinha, usando-me sem piedade. Perdi-me nele, na mágoa, a crescente onda de minhas emoções. Eu lhe disse que estava infeliz, e o peso da miséria caiu de cima de mim, deixando um lugar vazio para ele preencher com seu pênis e seu cinto lancinante.

Resmungou com cada impulso. Ele estava gozando. A onda de prazer. Meus grunhidos tornaram-se guinchos, e ele caiu mal se movendo.

— Eu não disse que você poderia gozar.

Eu não tive que pedir permissão para um orgasmo em seis meses. Ainda não tinha pensado nisso.

Ele tirou o cinto.

— Sinto muito, senhor. — engasguei. — Posso gozar?

— Quando?

— Agora? — Parei com a respiração engatada. — E, mais tarde, se lhe agradar.

— Não. — Ele diminuiu, deixando-me sentir cada centímetro dele. Abriu-me de novo, exatamente onde minhas pernas conheciam minha bunda e estava vermelha e dolorida, recebendo todo o seu comprimento dentro

Engasguei meio soluço, meio gemido.

— Não. — ele disse, batendo na minha bunda. — A resposta ainda é não.

— Não acho que eu possa parar isso.

Ele puxou para fora. Engoli em seco. Mas tanto quanto esperava que ele continuasse me fodendo, não esperava o que ele fez em seguida, rapidamente orientando-se para o meu cu e sem piedade empurrando para frente.

— Não! — Eu gritei.

Ele puxou minha cabeça para trás pelos cabelos. — O quê?

Eu não poderia repetí-la. Palavra de segurança ou não, ele pararia. — Nada.

Ele empurrou o resto de seu pau na minha bunda, sem preâmbulo, meu pranto suave se transformou em soluços inundando minha face. — Deus, oh Deus, isso dói.

— A dor é o ponto, não é?

— Sim, senhor.

— Sua bunda é minha, sem avisá-la ou não. Você entendeu?

— Sim.

Ele puxou meu cabelo de novo, puxando para trás até que o enfrentei. — Sim, o quê?

— Sim, senhor.

Os primeiros cursos foram de assassinato. Eu me senti dilacerada, rasgada por dentro. Nós tínhamos feito algumas suaves tentativas de anal, bem lubrificado nos últimos meses. Mas não assim. Não como uma surra.

— Você tem sido uma cadela, deusa. Isso acabou. A partir de agora, você pisa quando digo passeio. Você come quando eu alimentá-la. Você goza quando eu permitir. Se eu sequer olhar para os joelhos, você tem que estar sobre eles e abrir a boca, porra.

Eu resmunguei. Ele chegou perto de mim e colocou a mão no meu pescoço. Ele me puxou de volta, e embora senti como se estivesse caindo, confiava nele e colocava o peso em minhas pernas doloridas, mudando de volta. Ele sentou-se no banco do piano, e com as minhas costas para sua frente e seu pau na minha bunda, me sentei nele.

— Abra suas pernas. — Não me dando a chance de ainda obedecer, ele puxou minhas pernas, apertando minha bunda junto, me apertando ao redor de seu pênis. Mordi de volta um grito de dor. — Todo o caminho. Eu quero a sua boceta para fora.

Eu abri meus joelhos, na ponta dos pés no chão, lutando para manter o equilíbrio. Meus cotovelos ainda estavam atados atrás das costas, e quando parecia que ia cair, ele me puxou para cima.

— Alcance de volta. — disse ele. — Abra aquelas bochechas lindas bem distantes.

Eu fiz, lutando contra as limitações da minha blusa atada, amaldiçoando a pele ardendo na minha bunda tanto quanto abençoava.

— Agora, vamos para baixo, todo o caminho. Todo o caminho. É isso aí. Enterrado em você. — Ele chegou em volta e deslizou seu dedo médio na minha boceta, reunindo umidade, e arrastando-o para o meu clitóris. — Você não goza até que eu diga. E você vai segurar para concentrar em uma coisa, e uma coisa só.

— O quê, senhor? — Eu gemi, o prazer em meu clitóris empurrando contra a dor por trás dele.

— Agradar-me. Assim. Foda-se. E foda-se duro. Vá.

Mudei-me no seu comprimento, e de volta para baixo, o seu eixo correndo contra o meu ânus, o atrito quente contra o músculo seco.

— Mais rápido.

Seu pênis batia em meu interior, me picando, enquanto seus dedos tomaram meu buraco, três de cada vez e a palma de sua mão mantinha uma pressão constante sobre o meu clitóris.

— Vamos lá, deusa. Eu não estou satisfeito.

Peguei minhas bochechas mais amplas, caindo sobre ele com mais força, os joelhos doendo, braços em chamas, bunda além da dor. No entanto, o prazer entre as minhas pernas cresceram, pressionando contra a agonia e ganhando.

— Isso é bom. — ele rosnou. — Muito bom.

— Obrigada. — Engasguei, aliviada, relaxada agora, porque ele estava contente. Ouvi sua respiração cada vez menor. Eu estava perto, mas não me importei. Queria que ele tivesse o que queria. Queria que ele ficasse satisfeito. Eu batia em seu pênis, sem parar.

— Eu estou chegando perto. — ele disse.

— Obrigada. — Guinchei, mais lágrimas correndo.

— Goza comigo.

— Sim. Oh, sim.

Ele resmungou, mas era mais do que um grunhido, e, no segundo antes de me perder no prazer notei como vocal ele era. Mais do que nunca. Ele lançou, verdadeiramente, totalmente, perdendo o controle, puxando meu cabelo até que pensei que ele iria arranca-lo fora. Estava lavada nele, o prazer de sua mão no meu clitóris, a tortura na minha bunda quando meu orgasmo apertou ao redor de seu pênis em um ritmo ondulante. Eu gozei uma eternidade, perdida nele, na sua satisfação, na dor. Eu tinha ido embora, a minha identidade lavada em completa submissão à sua vontade, sem ambição ou desejo de minha autoria, simplesmente escravizada, enjaulada. Nada. Ninguém. Não é um sentimento de insatisfação na minha barriga, só humildade e uma sensação de estar completa, uma gratidão imensa.

— Deusa. — ele sussurrou quando parei de mexer.

Tentei responder, mas estava chorando. Tomei algumas respirações para me acalmar. — Sim, senhor?

— Você está bem?

— Obrigada.

Ele me desamarrou. Coloquei meus braços doloridos nos joelhos e ele me empurrou gentilmente para a frente, seu pau escorregando para fora da minha bunda. Eu respirei fundo.

Ele me puxou para o colo dele e beijou as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Segurei-o e chorei novamente. A liberação emocional derramou em mim quando ele esfregou minhas costas e beijou meu rosto e pescoço. Minha consciência do mundo em torno de mim, o meu corpo, a cadeira, o quarto, o edifício, a hora do dia, foi provocada pela suavidade dos lábios e a forma como ele sussurrou meu nome, *deusa, deusa, deusa*.

— Eu não tinha o que você precisava. — disse ele em voz baixa.

— Você não poderia ter. Eu entendo.

— Isso já é demais.

— Obrigada.

Ele colocou as mãos no meu rosto e escovei os cílios com os polegares. Eu deixei meus olhos vibrando fechados.

— Você não pode me deixar até eu destruí-la.

— Se você me destruir, eu nunca vou deixá-lo.

— Regularmente. — Ele tirou um lenço com monograma e ergueu-o. — Assoe.

Eu assoei meu nariz. Ele beliscou e limpou para mim, como se eu fosse uma criança.

Ele beijou meus lábios, levando-os contra o seu, possuindo-os com ternura e confiança. Deixei a língua na minha boca, seu calor calmante, me explorando como se fosse a primeira vez. A ternura com que ele me beijou foi de tal contraste com a surra que acabei de receber, que cai em lágrimas novamente. Ele me segurou e me balançou no estúdio à prova de som pelo que pareceram horas, dizendo coisas doces no meu ouvido. Eu me senti tão bem, tão calma, tão amada.

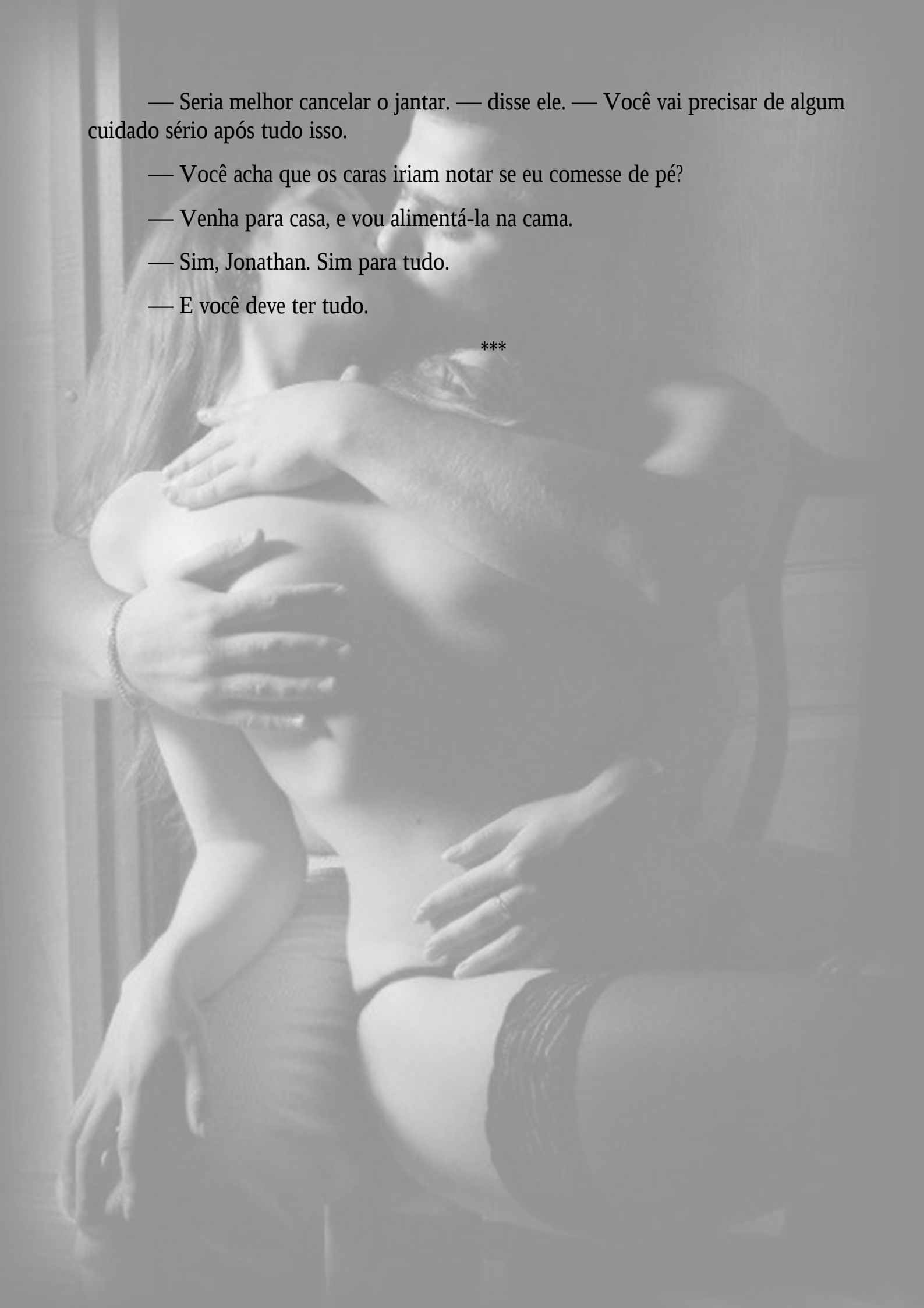
— Seria melhor cancelar o jantar. — disse ele. — Você vai precisar de algum cuidado sério após tudo isso.

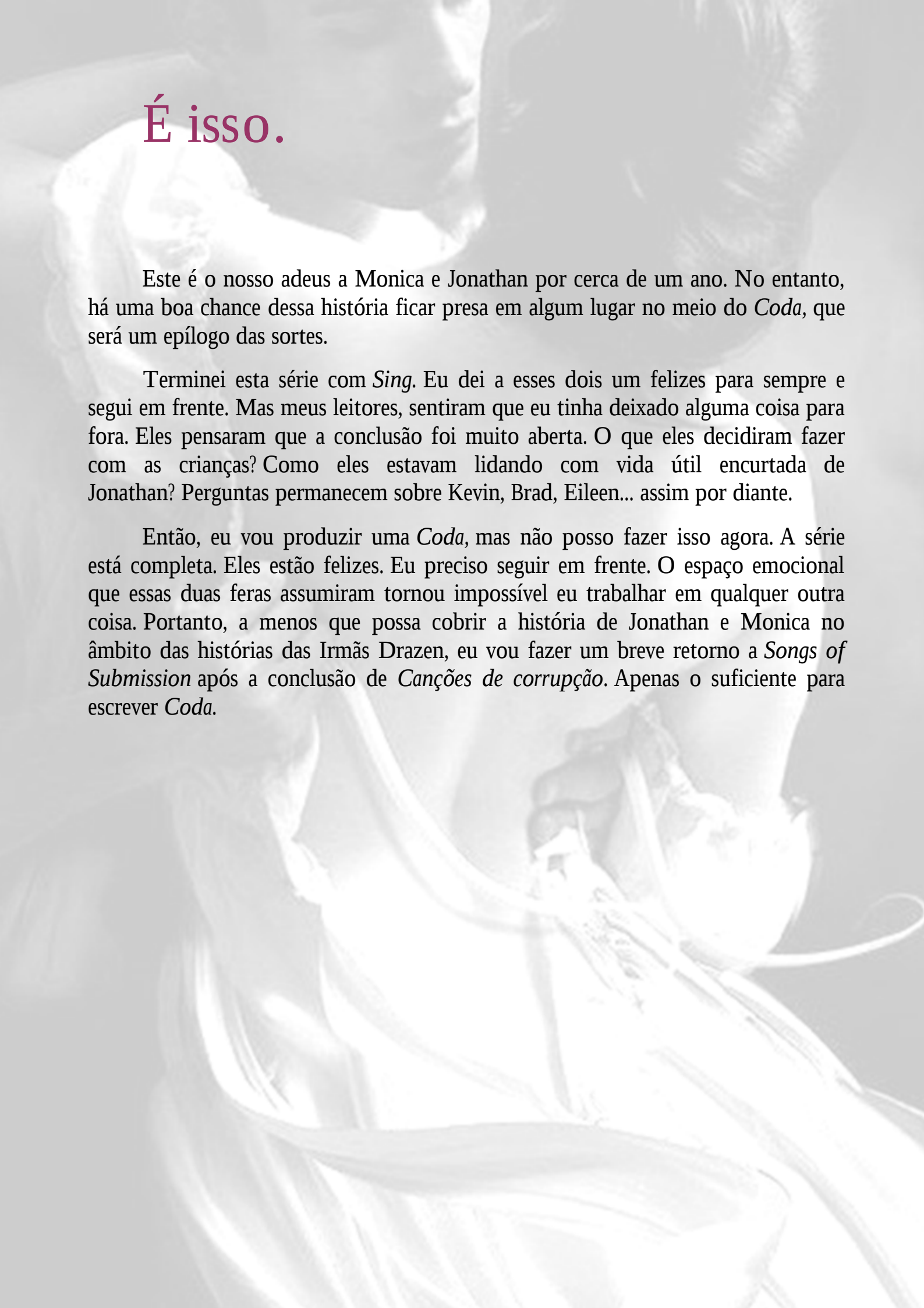
— Você acha que os caras iriam notar se eu comesse de pé?

— Venha para casa, e vou alimentá-la na cama.

— Sim, Jonathan. Sim para tudo.

— E você deve ter tudo.





É isso.

Este é o nosso adeus a Monica e Jonathan por cerca de um ano. No entanto, há uma boa chance dessa história ficar presa em algum lugar no meio do *Coda*, que será um epílogo das sortes.

Terminei esta série com *Sing*. Eu dei a esses dois um felizes para sempre e segui em frente. Mas meus leitores, sentiram que eu tinha deixado alguma coisa para fora. Eles pensaram que a conclusão foi muito aberta. O que eles decidiram fazer com as crianças? Como eles estavam lidando com vida útil encurtada de Jonathan? Perguntas permanecem sobre Kevin, Brad, Eileen... assim por diante.

Então, eu vou produzir uma *Coda*, mas não posso fazer isso agora. A série está completa. Eles estão felizes. Eu preciso seguir em frente. O espaço emocional que essas duas feras assumiram tornou impossível eu trabalhar em qualquer outra coisa. Portanto, a menos que possa cobrir a história de Jonathan e Monica no âmbito das histórias das Irmãs Drazen, eu vou fazer um breve retorno a *Songs of Submission* após a conclusão de *Canções de corrupção*. Apenas o suficiente para escrever *Coda*.



Minha a estrada sobe até encontrar você.
Meu o vento está sempre nas suas costas.
Meu sol brilha quente no seu rosto.
As chuvas caem suave sobre seus campos.
E até que nos encontremos novamente
Meu Deus te segura na palma da mão Dele.